

O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) NAS REVISTAS SOBRE EDUCAÇÃO ESPECIAL: processo ensino e aprendizagem

Josiane Cristina Dourado Passera (PGEDU-UEMS)¹
Luana Aparecida Martins de Souza (PGEDU-UEMS-PIBAP)²
Doracina Aparecida de Castro Araujo (UEMS)³

O caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa por meio de outra pessoa. Essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social. (VIGOTSKI, 2004).

Introdução

O tema Transtorno do Espectro Autista (TEA) é relevante para pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento, em especial os da Educação, Ciências Sociais, Psicologia, Letras, Artes, Fonoaudiologia, entre outras áreas ou subáreas, por terem como objeto de estudo a linguagem, a comunicação, a expressão corporal, a interação social, assuntos que quando estudados por diferentes áreas, mas de forma interdisciplinar, tendem a contribuir com maior eficácia com os alunos com TEA.

Entendemos o TEA como um fenômeno recente, que tem instigado os pesquisadores e estudantes, da linha de pesquisa Educação Especial do Centro de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação (CEPEED) e da linha de pesquisa Currículo, Formação Docente e Diversidade do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba, a compreender o processo de ensino e aprendizagem dos alunos com TEA.

A nossa intenção com esse texto é contribuir com estudos de pesquisadores iniciantes e experientes e estudiosos do assunto, a partir do mapeamento dos relatos de pesquisa publicados na Revista Brasileira de Educação Especial (RBEE) e dos artigos publicados na

¹ Mestranda em Educação pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS-Paranaíba). Professora da Rede Pública Municipal de Andradina-SP. E-mail: jpasser@bol.com.br.

² Mestranda em Educação pela UEMS. Bolsista do PIBAP-UEMS. Professora da Rede Pública Municipal de Fernandópolis- SP. E-mail: clickluana@hotmail.com.br.

³ Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Docente Sênior do Programa de Pós-Graduação em Educação da UEMS-Paranaíba. Pesquisadora do CEPEED e do GEPPE. E-mail: doracina@gmail.com.

Revista de Educação Especial (REE), para verificar os avanços obtidos no processo ensino e aprendizagem dos alunos com TEA.

A abordagem definida para este estudo foi a Qualitativa, com levantamento bibliográfico em livros e em artigos de periódicos e acabou por culminar na análise das publicações que discutiram esta temática no período de 2005 a 2016 na RBEE e na REE, a partir dos teóricos e estudiosos da Psicologia Histórico-Cultural e da Pedagogia Histórico-Crítica, como Vigotski (1997, 2004), Duarte (2001), Martins (2011, 2015), Saviani (2007, 2008, 2012).

No mapeamento constatamos dados interessantes quanto às publicações das revistas, a saber: das 430 publicações da RBEE, 308 eram relatos de pesquisas, dos quais 15 discutiram sobre TEA e desses; 13 abordaram o processo ensino e aprendizagem (RBEE, 2017). Dos 405 artigos da REE, 17 discutiram sobre TEA, e desses, 07 tiveram o propósito de analisar o processo ensino e aprendizagem (REE, 2017).

A partir desses resultados, algumas questões nos foram suscitadas: a) qual revista apresentou mais contribuições sobre ensino e aprendizagem de alunos com TEA? b) quais resultados foram mais destacados pelos autores sobre o processo ensino e aprendizagem dos alunos com TEA? c) os alunos com TEA podem aprender?

Essas questões nos direcionaram para a organização e a análise dos artigos que especificamente discutiram sobre o processo ensino e aprendizagem dos alunos com TEA, com atenção ao período delimitado para o estudo (2005-2016), a fim de compreender as contribuições que os autores trouxeram para o público-alvo da educação especial com TEA, em diferentes espaços escolares.

1. As contribuições dos autores da Revista Brasileira de Educação Especial (RBEE) sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA): processo ensino e aprendizagem

A Revista Brasileira de Educação Especial, criada em 1993 durante a realização do III Seminário de Educação no Rio de Janeiro e mantida pela Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial (ABPEE), tem uma periodicidade trimestral. Impressa em Marília, conta com a parceria da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP). Os trabalhos ali publicados, principalmente artigos resultantes de pesquisas, objetivam a disseminação de conhecimento

em Educação Especial. Há também artigos de revisão, ensaios e resenhas, nos quais os assuntos discutidos giram em torno da formação de professores na educação especial, das práticas pedagógicas inclusivas, da inclusão escolar e dos processos de ensino e aprendizagem dos alunos público-alvo da Educação Especial (PAEE).

Ao considerarmos a Constituição Federal (BRASIL, 1988), a qual prevê que o ensino seja ministrado com base na garantia de acesso e permanência na escola; e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/96 (BRASIL, 1996) que garante o atendimento educacional especializado, currículo, métodos e recursos educativos para atender às necessidades de estudantes PAEE, surgem questionamentos que impactam as práticas pedagógicas dos educadores atuantes no contexto na educação inclusiva.

A discussão sobre processos de ensino e aprendizagem dos alunos PAEE causa inquietações em professores de escolas comuns, mas amplia a preocupação quando esses educandos possuem características que apresentam déficits persistentes na comunicação e interação sociais, associados a padrões restritos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades, conforme prevê o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, o DSM-V (2014), segundo o qual eles se enquadram no Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Ao verificarmos que o Censo Escolar MEC/INEP registrou um crescimento de 56% nas matrículas desses estudantes nas classes comuns do ensino regular e passou de 53.859 em 2009 para 84.012 em 2015 (BRASIL, 2016), percebe-se significativo aumento no número de professores atuantes com alunos com TEA, assim como é crescente a quantidade de escolas regulares que os recebem. Tal fato nos motivou na investigação de relatos de pesquisas da Revista Brasileira de Educação Especial que contribuíssem para a compreensão dos processos de ensino e aprendizagem direcionados a essa clientela.

O levantamento nos possibilitou constatar que no período de 2005 a 2016, das 430 publicações, 21 discutiram esse assunto em 3 ensaios, 3 revisões de literatura e 15 artigos de relatos de pesquisa, dos quais 13 discutiam o processo ensino e aprendizagem, conforme Tabela 1. Foi possível verificar ainda que nos primeiros anos levantados o TEA quase não aparecia nas pesquisas (apenas uma publicação), já nos últimos anos averiguamos que esse assunto foi gradativamente mais pesquisado, com duas publicações em 2014, quatro em 2015, e chegou a seis publicações no ano de 2016; fato que evidencia o destaque e o espaço obtidos por essa temática nas discussões e publicações sobre educação especial. Assim, optamos por

inserir na Tabela, apenas os anos referentes ao objeto do estudo, com início em 2007, sem inserir os anos que não tiveram publicações (2005, 2006, 2009, 2011, 2012).

Tabela 01: Publicações sobre TEA na Revista Brasileira de Educação Especial (2007 a 2016)

Ano	Autor(es)	Título
2016	Carla Cristina Vieira Lourenço; Maria Dulce Leal Esteves; Rui Manuel Nunes Correadeira; André Filipe Teixeira e Seabra	A eficácia de um programa de treino de trampolins na proficiência motora de crianças com transtorno do espectro do autismo.
	Camila Graciella Santos Gomes; Deisy das Graças de Souza	Ensino de sílabas simples, leitura combinatória e leitura com compreensão para aprendizes com autismo.
	Stéfanie Melo Lima; Adriana Lia Friszman de Laplane	Escolarização de alunos com autismo.
	Cláudia Miharu Togashi; Cátia Crivelenti de Figueiredo Walter	As contribuições do uso da comunicação alternativa no processo de inclusão escolar de um aluno com transtorno do espectro do autismo.
2015	Paulyane Silva do Nascimento; Regina Basso Zanon; Cleonice Alves Bosa; João Paulo dos Santos Nobre; Áureo Déo de Freitas Junior; Simone Souza da Costa Silva	Comportamentos de crianças do espectro do autismo com seus pares no contexto de educação musical.
	Angélica Miguel Soares; Jorge Lopes Cavalcante Neto	Avaliação do comportamento motor em crianças com transtorno do espectro do autismo: uma revisão sistemática.
2014	Natalia Caroline Favoretto; Dionísia Aparecida Cusin Lamômica	Conhecimentos e necessidades dos professores em relação aos transtornos do espectro autístico.
	Emellyne Lima de M. Dias Lemos; Nádia Maria Ribeiro Salomão; Cibele Shírley Agripino-Ramos	Inclusão de crianças autistas: um estudo sobre interações sociais no contexto escolar.
2013	Maria Fernanda Bagarollo; Vanessa Veis Ribeiro; Ivone Panhoca	O brincar de uma criança autista sob a ótica da perspectiva histórico-cultural.
	Helena Isabel Silva Reis; Ana Paula da Silva Pereira; Leandro da Silva Almeida	Construção e validação de um instrumento de avaliação do perfil desenvolvimental de crianças com perturbação do espectro do autismo.
2010	Camila Graciella Santos Gomes; Enicéia Gonçalves Mendes	Escolarização inclusiva de alunos com autismo na rede municipal de ensino de Belo Horizonte.
2008	Iara Maria de Farias; Renata Veloso de Albuquerque Maranhão; Ana Cristina Barros da Cunha	Interação professor-aluno com autismo no contexto da educação inclusiva: Análise do padrão de mediação do professor com base na teoria da aprendizagem mediada (Mediated Learning Experience Theory).
2007	Camila Graciella Santos Gomes	Autismo e ensino de habilidades acadêmicas: adição e subtração.

Fonte: SCIELO – Revista Brasileira de Educação Especial (RBEE).

O período deste estudo, delimitado de 2005 a 2016, permitiu levantar um total de 308 Relatos de Pesquisa, a partir da análise sobre quais abordariam o assunto em questão.

Apresentamos brevemente os dados levantados, objetivos, resultados e aporte teórico desses relatos selecionados.

Iniciamos pelo ano de 2005, quando dois números do volume 11 fizeram a publicação de treze Relatos de Pesquisa, porém nenhum fez menção ao tema TEA; no ano seguinte o volume 12 com três números fez a divulgação de 21 Relatos de Pesquisa, mas ainda assim nenhum trouxe discussões sobre TEA. Somente no ano de 2007 um Relato de Pesquisa trouxe o termo “Autismo”, em um total de 23 publicações de Relatos de Pesquisa.

O artigo intitulado “Autismo e Ensino de Habilidades Acadêmicas: Adição e Subtração” teve como aporte teórico Lovaas et al. e Mendes e buscou descrever o ensino de habilidades de adição e subtração para uma adolescente com autismo. Os resultados demonstraram a aprendizagem gradativa das habilidades ensinadas à medida que a intervenção ocorreu e deixou evidente que as adaptações feitas e a sequência escolhida para o ensino favoreceram a aprendizagem e a manutenção das habilidades. (GOMES, 2007).

Entre 26 publicações de relatos de pesquisa no ano de 2008, houve apenas um estudo, sob o título “Interação Professor-aluno com autismo no contexto da educação inclusiva: análise do padrão de mediação do professor com base na teoria da Aprendizagem mediada” e discutiu sobre a prática profissional de duas professoras e suas crianças com autismo em classes de educação infantil, com base na abordagem de Vygotsky (1989), mais especificamente conceitos como a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) e o conceito de Aprendizagem Mediada, as teorias da Modificabilidade Cognitiva Estrutural (MCE) e da Experiência de Aprendizagem Mediada (EAM). O estudo concluiu que todos os componentes da mediação são muito importantes, pois têm a função de criar/sustentar um vínculo afetivo entre o professor e o aluno, com base na atitude docente de manter a criança envolvida e acolhida durante a interação entre ambos. Certamente, para a criança autista essa atitude pode ser considerada de extrema relevância. (FARIAS; MARANHÃO; CUNHA, 2008).

Dos dezessete Relatos de Pesquisa publicados nos três números do volume 15 do ano de 2009, nenhum abordou a questão aqui pesquisada; no entanto, no ano seguinte, o estudo constante no número 3 do volume 15 “Escolarização inclusiva de alunos com autismo na rede municipal de ensino de Belo Horizonte” consistiu em caracterizar os alunos com autismo matriculados em escolas municipais regulares daquela cidade no ano de 2008 para assim

descrever a maneira pela qual essa escolarização vinha ocorrendo, a partir da perspectiva de 33 professores que tinham contato direto e diário com alunos autistas.

A pesquisa, cujo referencial teórico conta com Aiello, Alves e Braga, evidenciou que as estratégias utilizadas pela prefeitura aparentavam favorecer a frequência desses educandos, porém indicavam pouca participação nas atividades da escola, interação escassa com os colegas e aprendizagem limitada de conteúdos pedagógicos. Gomes e Mendes (2010) apontaram que o sistema educacional municipal já conseguiu efetivar o acesso e a permanência dos alunos com autismo nas classes comuns de escolas regulares, as quais deveriam, então, no próximo passo, receber condições para desenvolverem ao máximo o potencial desses alunos.

Dos 62 Relatos de Pesquisa publicados nos oito números contidos nos volumes 17 e 18, respectivamente referentes a 2011 e 2012, não houve nenhum acerca do TEA, o qual foi abordado novamente no primeiro número do volume 19, do ano de 2013, que trouxe no Relato de Pesquisa: “O brincar de uma criança autista sob a ótica da perspectiva histórico-cultural”, por meio das referências de Vigotsky (1997, 2001), para analisar as peculiaridades do brincar de uma criança com autismo infantil, imersa em ricas experiências com outras crianças, com brinquedos e com brincadeiras. O estudo revelou que os sujeitos autistas cuja exposição a bens culturais e interações sociais sejam maiores e mais qualificadas, apresentam diferenças em relação àqueles sem tais possibilidades. (BAGAROLLO; RIBEIRO; PANHOCA, 2013).

Ainda em 2013, no segundo número do volume 19, foi publicado um estudo o qual buscou construir e validar uma escala capaz de assegurar um perfil desenvolvimental das crianças com Perturbações do Espectro Autista (PEA) que agregasse a observação dos pais e dos profissionais acerca do seu desenvolvimento e especialmente, que pudesse estreitar uma ligação entre as dimensões consideradas na avaliação, tais como a interação, a comunicação verbal e não verbal, comportamento e interesses repetitivos, o processamento sensorial e as áreas consideradas prioritárias para a intervenção. Neste estudo foram apresentadas as concepções teóricas de Almeida; Freire e Dunn.

Com a construção e a validação desse instrumento objetivou-se obter uma avaliação mais completa e real dessas crianças, uma vez que os itens deveriam ser preenchidos pelos diversos agentes interventivos, ou seja, os pais e os profissionais. Destacou-se que essa complementaridade entre comportamento em casa e no centro educativo refletia sobre as

modalidades de intervenção e constituía guias de orientação ou apreciava a eficácia e a eficiência dos programas desenvolvidos, tal como apontam Reis, Pereira e Almeida (2013).

Em 2014 os quatro números publicados no volume 20 trouxeram 34 Relatos de Pesquisa, dentre os quais dois retrataram a temática enfocada neste estudo. O primeiro, denominado “Conhecimentos e Necessidades dos Professores em Relação aos Transtornos do Espectro Autístico”, com fundamentação teórica pautada nos estudos de Alves, Bosa e Lago resultou da aplicação e da análise de um questionário, realizado com 38 professores de ensino infantil da rede pública municipal de Bauru-SP, para investigar as experiências docentes em relação aos TEA e necessidades de conteúdos sobre a temática, por se considerar que

É de extrema relevância que o professor seja sempre capacitado a atender as demandas de seus alunos no que tange aos processos de aprendizagem, uma vez que é o responsável pela transmissão de conhecimentos acadêmicos, acompanhamento infantil e integração de seus alunos, fazendo com que o ambiente de sala de aula seja prazeroso para o desenvolvimento de aprendizagens acadêmicas e sociais. (FAVORETTO; LAMÔNICA, 2014, p.104).

As autoras concluíram que os relatos apresentados pelos professores em relação aos TEA apontaram seus interesses e necessidades de atualização de conteúdos referentes à temática, e como proposta foi colocada a teleducação, a partir da elaboração de um curso de difusão para professores, com vídeo-aulas, que abordassem principalmente estratégias educacionais que favorecessem o aprendizado desses educandos.

O segundo Relato de Pesquisa também publicado no número um do volume 20 abordou a inclusão de crianças autistas num estudo sobre interações sociais em escolas regulares de João Pessoa-PB, trouxe as contribuições da perspectiva histórico-cultural a partir de Vigotsky, Tomasello, Bosa e Orrú, com a devida mediação das professoras. Neste participaram um total de 42 crianças, dentre as quais havia quatro com idades entre três e cinco anos diagnosticadas com espectro autista e quatro professoras de duas escolas regulares particulares.

Lemos, Salomão e Agripino-Ramos (2014) concluem que os dados da pesquisa reforçam a importância do professor no desenvolvimento de uma criança autista, pois as suas mediações contribuem para a elaboração de estratégias de intervenção que favoreçam a interação social e o processo de inclusão escolar. Destacam ainda a escola como um dos

espaços que favorecem o desenvolvimento infantil, não só pela convivência com outras crianças, mas pelo relevante papel do professor.

Em 2015, nos quatro números do volume 21 foram identificados 32 relatos de pesquisa. Dois deles apresentaram discussões sobre TEA; o primeiro número retratou “Comportamentos de Crianças do Espectro do Autismo com seus pares no Contexto de Educação Musical”, com o aporte teórico de Bertoluchi, Camargo; Bosa e Oliveira et al. O estudo contou com duas crianças com TEA, com idades de cinco e seis anos como participantes da pesquisa, durante as aulas de percussão em grupo, que observou a ocorrência de indicadores de sociabilidade (iniciativas e respostas) por um período de três meses.

Os autores apresentaram os benefícios da educação musical no desenvolvimento da interação social dessas crianças com seus pares e destacaram que essa pesquisa possivelmente lança luzes sobre o potencial da educação musical na inclusão de alunos com TEA, principalmente quanto à interação social, pois nos seus resultados, constatou-se:

A diminuição de iniciativas e respostas não funcionais, bem como o aumento de iniciativas e respostas funcionais com pares, no correr das aulas de educação musical, revela que a participação em uma tarefa estruturada, que permite o trabalho com parceiros de mesma faixa etária, pode contribuir para a aquisição, manutenção e aprimoramento de comportamentos já apresentados pela criança, sendo necessária, entretanto, uma frequência contínua, a fim de que os aprendizados sejam explorados e mantidos (NASCIMENTO et al, 2015, p. 105).

Ainda em 2015 no Relato intitulado “Avaliação do comportamento motor em crianças com Transtorno do Espectro do Autismo: uma revisão sistemática” Soares e Cavalcante Neto propõem realizar um estudo qualitativo, do tipo descritivo, a partir de um mapeamento nas bases de dados: Lilacs, Bupmed, Scielo, CAPES e Google Acadêmico que pudesse nortear os profissionais acerca de como se trabalhar para a estimulação e o desenvolvimento das carências comportamentais de cada indivíduo, sob a fundamentação teórica de Cunha, Mostofsky *et al* e Schmidt.

Os autores pontuam que é essencial a compreensão do comportamento motor de um determinado indivíduo, quando se pretende intervir com o mesmo. Devido à fundamental importância do movimento corporal para a vida humana, a aprendizagem de habilidades motoras, que se referem ao padrão de movimento especializado e treinado, é iniciada na infância, com os mais simples gestos corporais, até o aperfeiçoamento para as formas mais complexas (GALLAHUE; OZMUN apud SOARES; CAVALCANTE NETO, 2015).

Os resultados apontaram que existe um comprometimento no que se refere ao comportamento motor dessa população, e fica visível a necessidade de trabalhos referentes a instrumentos que analisem essas carências existentes nos estudos para então possibilitar uma maneira direcionada de intervenção e assim melhorar o comportamento motor dessa população.

Nos quatro números do volume 22 publicados em 2016 verificamos quatro Relatos de Pesquisa com discussões. O primeiro artigo contido no número um, de autoria de Lourenço *et al*, sob o título “A Eficácia de um Programa de Treino de Trampolins na Proficiência Motora de Crianças com Transtorno do Espectro do Autismo” teve entre os referenciais utilizados Leite *et al* e Pan. Os autores realizaram uma amostra de dezessete crianças com TEA, entre as quais doze do sexo masculino e cinco do sexo feminino, com idades compreendidas entre os quatro e onze anos, que frequentavam o ensino pré-escolar, 1º e 2º ciclo do ensino básico do Distrito de Viseu. Nessa pesquisa

Foram utilizados vários tipos de trampolins, onde era solicitado às crianças que saltassem imitando o professor (juntar e afastar pernas, bater palmas, colocar as mãos em diferentes partes do corpo), tocando num objeto (balão), do trampolim para o colchão, de diferentes alturas para o trampolim. (LOURENÇO *et al*, 2016, p.42).

Ao término da aplicação do programa os autores concluíram que a participação em programas organizados e sistemáticos de trampolins pode potencializar uma melhoria da proficiência motora de crianças com TEA e sugere o uso, preferencialmente, mais de uma vez por semana, de modo a surtir maior efeito.

O segundo Relato de Pesquisa desse volume, desta vez contido no número dois, buscou discutir o “Ensino de Sílabas Simples, Leitura Combinatória e Leitura com Compreensão para Aprendizes com Autismo” teve como embasamento teórico Lovaas; Smith e Sidman. Nesse estudo Gomes e Souza (2016) assinalam que a partir das indicações da literatura, procedimentos planejados para o ensino de leitura para pessoas com autismo, deveriam considerar estratégias que favorecessem tanto a leitura oral quanto a leitura com compreensão.

O estudo que contou com a participação de três meninos com TEA, que se enquadravam no autismo leve/moderado, falantes, não alfabetizados, estudantes em escolas comuns e com idades cronológicas a partir de cinco anos, permitiu concluir que o

procedimento de ensino foi efetivo para promover a aprendizagem de leitura combinatória com compreensão pelos participantes com autismo. O baixo custo do material utilizado (caderno, canetinhas, figuras...) e o número reduzido de sessões de ensino sugerem que o procedimento descrito nesse estudo possa ser um recurso viável ao professor da escola comum no processo de alfabetização de seus alunos com autismo. (GOMES; SOUZA, 2016, p. 250).

Ainda neste número e volume outro estudo, que contou com a fundamentação teórica de Camargo; Bosa, Kupfer e Silva, teve como propósito investigar o acesso e a permanência de alunos com TEA na escola e verificar a quais apoios terapêuticos e educacionais eles tiveram acesso, a partir de análise dos microdados do município de Atibaia-SP, provenientes do Censo da Educação Básica entre 2009 e 2012. Esse estudo integrava um projeto de pesquisa mais abrangente que estudava a escolarização de alunos com deficiência em diferentes municípios brasileiros.

Os resultados indicaram alguns aspectos preocupantes, tais como: processos de escolarização de alunos com autismo que não se completavam; poucos alunos frequentavam o Atendimento Educacional Especializado (AEE) e chegavam ao ensino médio; alta taxa de evasão escolar; alunos que embora estejam matriculados nas séries e anos correspondentes à idade, não frequentam, necessariamente, as turmas regulares. Quanto à rede estadual de ensino, verificou-se que essa não oferece nenhum tipo de apoio a essa população. Assim as autoras concluíram haver dificuldades no processo de escolarização dos alunos com autismo e que suas participações nos ambientes escolares ainda são problemáticas e se encontram distantes das metas inclusivas. (LIMA; LAPLANE, 2016)

O último Relato de Pesquisa deste levantamento publicado no volume 22, inserido no número três, sob o título “As contribuições do uso da comunicação alternativa no processo de inclusão escolar de um aluno com Transtorno do Espectro do Autismo” teve como principais referências Camargo; Bosa, Nunes e Walter numa continuidade de uma pesquisa maior iniciada em 2011 e finalizada em 2012, que teve por objetivo implementar um programa de capacitação oferecido a professores da rede municipal do Rio de Janeiro-RJ, atuando no Atendimento Educacional Especializado (AEE) para introduzir o uso do sistema PECS-Adaptado junto aos alunos com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA).

De acordo com Togashi e Walter (2016) o PECS - *The Picture Exchange Communication System* - é um sistema de Comunicação Alternativa e Ampliada, que se dá

por meio de trocas de figuras (cartões de comunicação). Walter (2000, 2009) adaptou o referido sistema e o denominou de PECS-Adaptado, com o mesmo objetivo do sistema original, mas estruturado de acordo com os pressupostos da metodologia de ensino baseada no Currículo Funcional Natural (CFN), que busca levar o indivíduo com TEA a uma vida independente e produtiva, conforme apregoa Suplino (2005).

A partir da pesquisa realizada, Togashi e Walter (2016) concluíram que o incentivo à comunicação é essencial para o desenvolvimento social e cognitivo de indivíduos com TEA que apresentam disfunções na fala e contribui para facilitar no processo da sua inclusão escolar. Nessa perspectiva, a Comunicação Alternativa e Ampliada pode ter papel fundamental para contribuir no processo de inclusão de alunos sem fala funcional, por facilitar a comunicação com seus interlocutores, enquanto auxilia no desenvolvimento da linguagem.

O levantamento desses dados na Revista Brasileira de Educação Especial nos mostra que os anseios e a busca por estratégias que favoreçam a inclusão de alunos com TEA em escolas comuns, a necessidade de metodologias que sejam mais favoráveis ao ensino e aprendizagem e a importância da mediação docente para o desenvolvimento desses alunos se fizeram presentes em grande parte das publicações, que também abordaram questões relacionadas ao desenvolvimento motor e à comunicação.

Dessa forma, entendemos que este levantamento possibilitará uma contribuição de forma qualitativa, não só nas leituras e nas produções do conhecimento, como também de forma prática nos contextos da educação na perspectiva inclusiva, que deve considerar as necessidades do aluno, para então potencializar o seu desenvolvimento.

A partir dos pressupostos da perspectiva histórico-cultural na qual Vigotski (1997) considera que os sujeitos se constituem e se desenvolvem a partir das relações sociais e interações que lhes são possibilitadas, Orrú (2010) destaca que o ambiente onde as relações sociais são privilegiadas há um favorecimento ao desenvolvimento do indivíduo; logo, ambientes que proporcionem a interação do indivíduo com autismo com outros colegas sem esta síndrome proporcionaram situações mais estimuladoras. Em outras palavras,

A inclusão escolar possibilita à criança com autismo o encontro com outras crianças, cada uma em sua singularidade, o que muitas vezes não acontece em outros espaços pelos quais circula, que frequentemente priorizam um atendimento individual. O

espaço escolar possibilita a vivência e experiências infantis a partir da relação com outras crianças. (CHIOTE, 2011, p.24).

Portanto a escola, enquanto espaço de relações sociais, culturais, com o conhecimento e desenvolvimento humano, precisa promover situações de ensino e aprendizagem significativas que atendam às necessidades dos alunos com TEA e estimulem o seu avanço social, afetivo e cognitivo, e somente assim sua inclusão será efetivada em diferentes tempos e espaços.

2. As contribuições dos autores da Revista Educação Especial (REE) sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA): processo ensino e aprendizagem

A Revista Educação Especial circulou no ano de 1987 com o nome Cadernos de Educação Especial, com intuito de comemorar os 29 anos da Universidade de Santa Maria, 25 de dedicação efetiva ao trabalho com a Educação Especial. A proposta da Revista Educação Especial é veicular a produção acadêmica inédita de pesquisadores em Educação, prioritariamente daqueles trabalhos mais diretamente vinculados com a Educação Especial, de forma a ampliar discussões sobre políticas públicas, serviços, formação de professores, educação inclusiva e temáticas emergentes (REE, 2017).

Hoje a REE é distribuída para aproximadamente duzentas instituições brasileiras e internacionais, recebe colaboração de pesquisadores nacionais e internacionais para manter a periodicidade, a fim de aprimorar continuamente os processos de editoração, distribuição, entre outros. Sua meta é veicular somente artigos inéditos na área de Educação Especial, provenientes de pesquisas e práticas articuladas de campo, organizada em sessões de Dossiê, Demanda Contínua e Resenha. (REE, 2017).

A Revista tem um fluxo de publicação contínua, atualmente é quadrienal, o que gera um grande número de publicações. Dentre os quatrocentos e cinco artigos da Revista Educação Especial, dezessete apresentaram o tema Transtorno Espectro Autista e desses, sete fizeram a discussão sobre o processo ensino e aprendizagem, no período de 2005 a 2016. Importante considerar que nos anos de 2014, 2011, 2010, 2008, 2007, 2006 e 2005 não teve nenhuma publicação com o tema do levantamento.

Foram publicados na Revista Educação Especial sete textos, os quais fazem referência ao tema Transtorno do Espectro Autista (TEA) e abrem, um amplo debate a respeito do

processo de ensino e aprendizagem dos alunos. Para tanto, foram analisados para entender melhor e abrir novas possibilidades para pesquisadores sobre esse campo de estudo.

Dada a importância de se discutir a Educação Especial na realidade da educação brasileira, esse texto apresenta novas concepções sobre essa temática para posteriores, análises que suscitem discussões no âmbito do cotidiano escolar.

Estudos sobre o tema Transtornos do Espectro Autista (TEA) têm ganhado espaço nas discussões sobre a Educação Especial, com um aumento gradativo de pesquisas produzidas e publicadas nos últimos anos. No Brasil, mesmo com a obrigatoriedade de inclusão do aluno com TEA, nas redes públicas ou particulares, não se garante um ensino e aprendizagem de qualidade, pois faltam investimentos, principalmente na formação dos professores, problema muito citado nas análises dos textos que compõem este trabalho, conforme Tabela 2.

Tabela 2: Relatos de Pesquisas sobre o TEA (2009-2016)

Ano	Autor(es)	Título
2016	Taís Guareschi; Maria Inês Naujorks.	A educação do garoto selvagem de Aveyrone a proposta contemporânea de escolarização de alunos com transtorno do espectro autista: possibilidades de leitura.
	Helena Isabel da Silva Reis; Ana Paula da Silva Pereira; Leandro da Silva Almeida.	Da avaliação à intervenção na perturbação do espectro do autismo.
2015	Brunna Stella da Silva Carvalho; Lilian Ferreira do Nascimento.	O autista e sua inclusão nas escolas particulares da cidade de Teresina – PI.
2013	Carolina Lampreia.	A regressão do desenvolvimento no autismo: pesquisa e questões conceituais.
	Andréa Rizzo dos S. Boettger; Ana Carla Lourenço; Vera Lucia M. Fialho Capellini.	O professor da Educação Especial e o processo de ensino-aprendizagem de alunos com autismo.
2012	Carla Andréa Brande; Camila Cilene Zanfelicé.	A inclusão escolar de um aluno com autismo: diferentes tempos de escuta, intervenção e aprendizagens.
2009	Ana Beatriz Machado de Freitas	A mediação lúdica no espectro autista: uma possibilidade comunicativa e de intervenção psicopedagógica.

Fonte: Revista Educação Especial (REE) – UFSM.

O artigo escrito por Ana Beatriz Machado de Freitas, em 2009, “A mediação lúdica no espectro autista: uma possibilidade comunicativa e de intervenção psicopedagógica”, buscou “[...] relatar a experiência profissional da autora junto a três crianças com espectro autista que frequentavam uma clínica-escola para pessoas com deficiência mental” (FREITAS, 2009, p.

41). As principais referências teóricas utilizadas pelas autoras foram de Vygotsky e Winnicott.

Foram várias as contribuições de Vygotsky: importância da mediação, a aprendizagem como favorecedora do desenvolvimento por meio de conceitos, o papel das relações sociais para o desenvolvimento inter e intrapessoal e o importante conceito de zona de desenvolvimento proximal fundamental à atuação do psicopedagogo. Constatamos que muitas “dificuldades” de aprendizagem se devem à falta de inserção dos aprendizes em um nível proximal, suficiente para que alcancem o êxito.

Winnicott (1975) traz a contribuição numa perspectiva psicanalítica, quando menciona que o brincar ocorre em um espaço determinado e promove amadurecimentos, desejos e pensamentos. Encontramos a contribuição para refletirmos sobre a função do brincar e do brinquedo que evocam e representam um lugar ou uma pessoa real. Entretanto, não transpõem a realidade externa nem repetem exatamente um ensinamento. O imaginário, as emoções e as particularidades das vivências dão origem a construções intelectuais, criatividade e um modo particular de “ler” e interpretar a realidade.

Freitas (2009, p. 56) destaca que “Os momentos de ruptura do quadro autístico (ou que apontam ruptura) são imprevisíveis, por vezes pouco perceptíveis, surpreendentes, mas expressam articulação a uma gênese sociocultural”. Importante considerar ainda que ela traz importantes experiências, mostra o desenvolvimento do aluno com TEA, por meio do trabalho, que em muitas situações ocorrem individualmente.

O artigo escrito por Carla Andréa Brande; Camila Cilene Zanfelicce, em 2012, “A inclusão escolar de um aluno com autismo: diferentes tempos de escuta, intervenção e aprendizagens”, buscou relatar a experiência profissional das autoras com um trabalho de um aluno autista e sua trajetória nos primeiros anos de alfabetização. As autoras destacam também que o trabalho não se trata só da aprendizagem do aluno, mas dos personagens envolvidos, como: pais, professora e funcionários da escola. (BRANDE; ZANFELICE, 2012). As principais referências teóricas utilizadas pelas autoras foram Vygotsky e Wilians e Wriqth.

O aluno com TEA se beneficia das interações sociais por meio das mediações nos conflitos e da cultura na qual está inserida, necessários ao desenvolvimento pleno do indivíduo e à construção dos processos psíquicos superiores (VIGOTSKY, 1987).

Brande e Zanfelicce (2012) mencionam a importância do relato dessa experiência e sobre a necessidade de se encontrar meios de fornecer o desenvolvimento das crianças, para indicar a construção de alguns caminhos no trabalho inclusivo na escola.

Em 2013, o artigo escrito por Carolina Lampreia, “A regressão do desenvolvimento no autismo: pesquisa e questões conceituais” busca, a partir de uma ampla revisão da literatura, pesquisar sobre o tema da regressão do desenvolvimento no autismo, que nos últimos anos se tornou um tema recorrente presente em vários debates entre pesquisadores da área. Para Lampreia (2013), trata-se de um tema relevante por indicar que não há uma forma única de surgimento do autismo, e considera importante a pesquisa referente a esse campo de estudos.

Ao utilizar Kanner, Lampreia (2013) considera também que o autismo é um transtorno de base biológica. “Essas crianças nasceram com uma inabilidade inata para formar o contato afetivo usual, biologicamente dado, com pessoas” e se refere a “distúrbios autistas de contato afetivo, inatos” (KANNER apud LAMPREIA, 2013, p. 574). O texto analisa algumas situações apresentadas pelos relatos dos pais, características como a perda da fala, como a mais comum que pode caracterizar como “regressão”.

Lampreia (2013) define como objetivo do artigo: “[...] rever estudos sobre o tema da regressão para conhecer o que se cabe e se discute sobre ele, introduzindo algumas questões conceituais sobre a existência e sua definição”. (LAMPREIA, 2013, p. 575). Foram definidos os seguintes temas para serem revisados nessa área: definição de regressão e tipo de perdas; tipos de surgimento do autismo e idade das perdas na regressão; prevalência da regressão; causas de regressão e prognóstico; regressão; Transtorno Desintegrativo da Infância (TDI); Epilepsia e Distúrbio Específico da Linguagem (DEL).

As principais referências teóricas utilizadas pela autora foram: Kurita e Lord; Shulman; Dilavore, que discorrem sobre a questão da perda da fala, se isso pode ser usado como principal indicador de regressão, ou se outras perdas também podem ser exemplificadas. Deixam de considerar apenas a perda da fala como fato exclusivo.

Rapin e Katzaman (1998) consideram que a regressão não é um transtorno degenerativo progressivo do cérebro, já que a maioria, eventualmente, apresenta melhora no quadro clínico. Mas, há diferentes hipóteses sobre causas possíveis: genéticas, ambientais e interação genética/meio.

Lampreia (2013) encerra o trabalho com o intuito de demonstrar que a revisão de estudos sobre a regressão no autismo permite tirar conclusões a respeito da temática, a partir de novas discussões as quais possam conceituar o objeto de estudo. Reconhece os questionamentos propostos, importantes para uma melhor reflexão.

As autoras Andréia Rizzo dos Santos Boettger; Ana Carla Lourenço e Vera Lúcia Messias Fialho Capellini, em 2013, escreveram o artigo: “O professor da Educação Especial e o processo de ensino aprendizagem de alunos com autismo”, com o intuito de verificar todo o processo de ensino aprendizagem de alunos diagnosticados com autismo, em uma escola de educação especial no interior de São Paulo. Objetivaram com o trabalho proposto, identificar as metodologias de ensino utilizadas com adolescentes com autismo, e de que formas todos esses aspectos metodológicos podem auxiliar no processo de ensino e aprendizagem de cada aluno.

O texto fez referência à importância da discussão sobre o “Autismo infantil”, hoje definido como “Transtornos Globais de Desenvolvimento (TGD)”, que é caracterizado por um grave comprometimento global nas áreas de desenvolvimento, “como nas habilidades de interação social recíproca, habilidades de comunicação e presença de estereotípias de comportamento, interesses e atividades” (BOETTGER, CAPELLINI, LORENÇO, 2013, p. 385).

Na perspectiva da escolarização de alunos com autismo, as autoras identificam os principais comprometimentos que esse transtorno pode causar, em áreas como comunicação, comportamento e interação social. De acordo com a análise, essas dificuldades, são as que mais prejudicam o processo de ensino e aprendizagem desses educandos.

O mais importante no processo de escolarização do aluno com autismo, é que o professor tenha conhecimento sobre todos os aspectos da doença. Nos casos em que o professor não tinha um domínio adequado para desenvolver um bom trabalho com os alunos autistas ficou evidente essa necessidade. As autoras citam como referência o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais de 2002 (DSM-IV-IR, APA), que classifica o autismo infantil como um dos Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD). Outras referências teóricas utilizadas são: Zorzetto, que relaciona pesquisas sobre o autismo associado a causas genéticas; e Bosa, que define três áreas do desenvolvimento das crianças prejudicadas, quais sejam: incapacidade na comunicação, interação social e por fim na imaginação.

Suplino (2005), de acordo com os princípios presentes no Currículo Funcional Natural, destaca a importância de a pessoa com autismo ser tratada como qualquer outro indivíduo, pois todos podem aprender. Um aspecto muito importante é a participação da família em todos esses processos de ensino.

Para concluir, as autoras relatam todas as observações possíveis realizadas durante as aulas de: artes, matemática, língua portuguesa, educação física, informática, desenho livres, e demais atividades, como no parque, quando tomam o lanche, hidroterapia e higiene bucal. Percebeu-se que o despreparo da professora com os conteúdos e metodologias para se trabalhar com alunos com autismo, prejudica o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos da escola de Educação Especial.

As autoras Brunna Stella da Silva Carvalho; Lilian Ferreira do Nascimento, em 2015, escreveram o artigo, “O autista e sua inclusão nas escolas particulares da cidade de Teresina – PI”, que discorre sobre a importância da inclusão de alunos com Transtorno de Espectro Autista, no ambiente escolar, tendo em vista todas as dificuldades encontradas no desenvolvimento desse processo de adequação curricular, ambiental ou metodológica.

O estudo buscou conhecer a atual situação de todas as escolas das redes particulares de ensino de Teresina, para identificar os alunos de inclusão com autismo, matriculados. A partir da coleta de dados realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, ficou evidente que a inclusão de crianças autistas no ensino regular, viabiliza o desenvolvimento de diversas habilidades e proporciona novas oportunidades de aprendizagem. Pais, diretores professores, alunos, ou seja, todos os membros pertencentes à comunidade escolar podem ajudar no processo de inclusão social desses alunos.

As autoras evidenciam a importância de se discutir esse tema, por considerarem que de acordo com o Ministério da Educação (BRASIL, 2008) o direito à inclusão de pessoas com necessidades especiais se faz presente desde a Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988) e com a publicação da Lei n. 7.853 (BRASIL, 1989). Porém, somente nos últimos anos passou a ser cumprida. Seus referências teóricos discorrem de maneiras diferentes a respeito da inclusão.

Teles, Resegue e Puccini (2013) definem a inclusão como um movimento da sociedade que visa produzir igualdade, auxilia o sujeito a construir sua própria identidade social e pessoal. Mello et al. (2013), a partir de um estudo específico da população autista,

estimam que exista no Brasil cerca de 60 mil. Brande e Zanfelice (2012) apontam o grande desafio para a equipe escolar, em trabalhar com a inclusão do aluno autista, considerando as necessidades de adequação curricular, ambiental e metodológica. Lago (2007) cita a importância da convivência no ambiente escolar regular, em que todas as atividades interativas e habilidades sociais adquiridas ajudam no desenvolvimento do aluno, além de impedirem seu isolamento.

Pelo fato de ter dificuldades em acompanhar a dinâmica social, essa questão pode influenciar no desenvolvimento do ensino escolar, “[...] isto devido aos déficits comportamentais característicos do distúrbio, devendo à escola oferecer um ensino diferenciado visando à independência escolar da criança e facilitando a aprendizagem de habilidades comportamentais sociais” (CARVALHO; NASCIMENTO, 2015, p. 680). Diante disso, não só a matrícula da criança com TEA na escola comum deve ser importante, pois, “[...] o mero rótulo de autismo não define por si mesmo um critério de escolarização”. (COLL; PALACIOS; MARCHESI, 2004, p. 249).

Os autores relatam que os momentos dedicados a brincadeiras, teatro, dança, atividades as quais exijam contato com os colegas facilitam a aprendizagem do aluno com TEA. (CARVALHO; NASCIMENTO, 2015, p. 684). E por fim, consideram o professor, como o principal responsável por escolher atividades adequadas e mediar todo o processo de desenvolvimento da aprendizagem em sala de aula.

Em 2016 foi publicado o artigo “Da avaliação à intervenção na perturbação do espectro autismo”, escrito por Helena Isabel da Silva Reis, Ana Paula da Silva Pereira e Leandro da Silva Almeida. O artigo trata da complexidade da avaliação das perturbações caracterizadas por padrões de comportamentos atípicos, tal como a Perturbação do Espectro do Autismo (PEA). Surgem análises de muitos profissionais, a partir da cuidadosa descrição do Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders em relação ao perfil da criança com PEA.

As autoras consideram que houve um aumento considerável das pesquisas sobre o PEA, e que mesmo com os avanços da ciência, a avaliação eficiente dessa perturbação ainda é considerada um desafio, e justificam que, “[...] a observação, a aplicação de checklists e de instrumentos standardizados, conjuntamente com a família, continua a ser crucial para o desenvolvimento de um plano individualizado de intervenção”. (REIS; PEREIRA; ALMEIDA, 2016, p. 269).

Os autores justificam a importância da participação da família em todo esse processo, para que se construa uma melhor interação entre a criança e o interlocutor. Nesse contexto, existem as concepções e práticas de avaliação em Intervenção Precoce (IP), que se aprofundam em instrumentos de avaliação ajudados de maneira semelhante, de acordo com a diversidade presente nas famílias das crianças com PEA ou apoiadas na IP.

Serrano e Pereira (2011), consideram que os instrumentos deverão contemplar a participação ativa dos profissionais e da família. Destacam as contribuições de Grisham-Brown e Pretti-Frontczak que definem avaliação como um processo para obtenção de informação com o propósito de tomar decisões. Pereira e Serrano (2014) reconhecem que a participação ativa das famílias, a partir do contato feito com a equipe de Intervenção Precoce (IP), traz bons resultados.

A respeito das abordagens utilizadas na intervenção às PEA, Rogers; Vismara (2008) consideram que o impacto de vários programas de intervenção junto de crianças com PEA em idades muito precoces tem sido o foco de intensa investigação nos últimos anos. Exemplificam as abordagens desenvolvimentais, abordagens comportamentais, abordagens com base nas terapias, considerando a forma como todos os instrumentos de avaliação devem ser manipulados de forma que garantam um resultado esperado nas posteriores análises. A participação da família em todo o processo se torna o elemento chave para o total desenvolvimento da aprendizagem da criança, por viver no seu meio natural e ser conhecedor dos todos os seus aspectos.

E também no ano de 2016, temos o último artigo publicado acerca do tema, escrito por Taís Guareschi e Maria Inês Naujorks: “A educação do garoto selvagem de Aveyron e a proposta contemporânea de escolarização de alunos com transtorno do espectro autista: possibilidades de leitura”. No artigo as autoras buscaram analisar a experiência pedagógica de Jean Itard, que teve como referência a presença do ideário médico-pedagogo presente na proposta de escolarização de alunos com TEA. A partir dessa experiência relatada com o menino Victor, o tipo de método de ensino na proposta pedagógica de Itard é considerado eficaz.

Suas principais referências teóricas são: Condillac o qual considera, segundo Itard, que o conhecimento e as ideias advêm das sensações e cada sentido deverá ser estimulado isoladamente; Lajonquierè, que justifica o fato de esse tipo de experiência não se atentar

somente ao passado, mas que tem se atualizado de diversas formas, nas práticas pedagógicas; Mannoni que parte dos pressupostos filosóficos sobre o conhecimento e o desenvolvimento das funções intelectuais, a partir dos exercícios de cunho educativo.

As autoras consideram que na educação inclusiva o ato de ensinar é muito mais complexo do que muitos leigos imaginam, diante da realidade dos alunos com TEA incluídos na escola. Diante disso, em suas práticas pedagógicas diárias, os professores devem buscar novas estratégias para ensinar os alunos com autismo, buscar o sucesso no processo de escolarização de cada aluno inserido no espaço escolar, com o objetivo primordial de auxiliar no seu desenvolvimento, não só de conteúdos escolares, mas de conhecimentos que levarão para a vida.

Considerações Finais

Nossas considerações não podem ser dadas como finais, pois este material mapeado na Revista Brasileira de Educação Especial e na Revista de Educação Especial é o início de duas pesquisas sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) com o propósito de contribuir com o tema, por acreditarmos nas potencialidades dos alunos com TEA, desde que haja uma atenção especial às suas habilidades, com a realização de um efetivo ensino, de modo a proporcionar-lhes a aprendizagem e o desenvolvimento.

No processo de ensino, buscamos respostas na Psicologia Histórico-Cultural, à luz das contribuições de Vigotski e outros estudiosos, para ampliar a compreensão. Dentre os vários aportes, acreditamos no ensinamento de Vigotski (2004), o qual afirma que a mediação do professor é uma forma incontestável para a aprendizagem dos alunos, com atenção à história individual e social de cada um, independente de serem ou não alunos Público-Alvo da Educação Especial (PAEE), como deixa claro na epígrafe inicial deste texto.

Ao levantarmos dados sobre o TEA nas duas revistas que discutem especialmente Educação Especial, identificamos que a Revista Brasileira de Educação Especial tem publicado mais artigos, resenhas, ensaios, especialmente quando delimitamos o tema em processo ensino e aprendizagem de alunos com TEA.

Quanto aos resultados mais destacados sobre o processo ensino e aprendizagem dos alunos com TEA, ficam claras as suas possibilidades de aprender, inclusive as formas de intervir em seu mundo “particular”. Os alunos com TEA podem aprender, contudo dependerá da mediação dos professores nesse processo, e em muitas situações da forma com que se

trabalha a compensação em relação a um início em que ocorre pouca interação entre eles e os outros alunos.

Entendemos que este estudo inicial contribuirá com outros, de pesquisadores iniciantes e experientes e estudiosos interessados no assunto, em diferentes áreas do conhecimento, pois a partir do mapeamento dos relatos de pesquisa publicados na Revista Brasileira de Educação Especial (RBEE) e dos artigos publicados na Revista de Educação Especial (REE), foi possível verificar os avanços obtidos no processo ensino e aprendizagem dos alunos com TEA, especialmente a partir das publicações de 2013.

Referências

- BAGAROLLO, Maria Fernanda; RIBEIRO, Vanessa Veis; PANHOCA, Ivone. O brincar de uma criança autista sob a ótica da perspectiva histórico-cultural. **Rev. Bras. Educ. Espec.** 2013, v. 19, n.1, p. 107-120, Jan.- Mar. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbee/v19n1/08.pdf>>. Acesso em: 22 ago. 2017.
- BOETGHER, Andréa Rizzo dos Santos; LORENÇO, Ana Carla; CAPELLINI, Vera Lucia Messias Fialho. O professor da educação especial e o processo de ensino-aprendizagem com alunos com autismo. **Revista de Educação Especial**. Santa Maria, UFSM, v. 26, n. 46, 2013, p. 385-400. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>> Acesso em: 11 out. 2017.
- BRANDE, Andreia Carla; ZANFELICE, Camila Cilene. A inclusão escolar de um aluno com autismo: diferentes tempos de escuta, intervenção e aprendizagens. **Revista Educação Especial**. Santa Maria, UFSM, v. 25, n. 42, 2012. p. 43-56.
- BRASIL. **Censo Escolar**. Brasília, DF: MEC-INEP, 2016.
- _____. **Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva**. Brasília, DF: MEC, 2008.
- _____. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União n.248, de 23/12/1996, Seção I, p. 27833. Brasília, DF: MEC, 1996.
- _____. **Lei nº 7.853, 24 de outubro de 1989**. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 1989.
- _____. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 5 de outubro de 1988.
- CARVALHO, Bruna Stella da Silva; NASCIMENTO, Lilian Ferreira do. O autista e sua inclusão nas escolas particulares da cidade de Teresina – PI. **Revista Educação Especial**. Santa Maria, UFSM, v.28, n.53, 2015, p.677-690. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>>. Acesso em: 11 out. 2017.
- CHIOTE, Fernanda de Araujo Binatti. **A mediação pedagógica na inclusão da criança com autismo na educação infantil**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual do Espírito Santo. Espírito Santo, 2011.

- COLL, César; PALACIOS, Jesús; MARCHESI, Alvaro. **Desenvolvimento psicológico e educação: transtornos do desenvolvimento e necessidades educativas**. v. 3. 2. ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2004.
- DSM-IV-TR. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. 4. ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2002.
- DSM-V. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2014.
- DUARTE, Newton. As pedagogias do "aprender a aprender" e algumas ilusões da assim chamada sociedade do conhecimento. **Rev. Bras. Educ.** 2001, n.18, pp.35-40. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782001000300004&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 26 set. 2017.
- FARIAS, Iara Maria de; MARANHÃO, Renata Veloso de Albuquerque; CUNHA, Ana Cristina Barros da. Interação professor-aluno com autismo no contexto da educação inclusiva: análise do padrão de mediação do professor com base na teoria da experiência de aprendizagem mediada (mediated learning experience theory). Disponível em **Rev. Bras. Educ. Espec.** 2008, v.14, n.3, p.365-384, Set.-Dez.
- FAVORETTO, Natalia Caroline; LAMÔNICA, Dionísia Aparecida Cusin. Conhecimentos e necessidades dos professores em relação aos transtornos do espectro autístico. **Rev. Bras. Educ. Espec.** 2014, v. 20, n. 1, p. 103-116, Jan.-Mar. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbee/v20n1/a08v20n1.pdf>>. Acesso em: 02 set. 2017.
- FREITAS, Ana Beatriz Machado de. A mediação lúdica no espectro autista: uma possibilidade comunicativa e de intervenção psicopedagógica. **Revista Educação Especial**. Santa Maria, UFSM, v. 22, n. 33, 2009. p. 41-58.
- GOMES, Camila Graciella Santos; SOUZA, Deisy das Graças. Ensino de sílabas simples, leitura combinatória e leitura com compreensão para aprendizes com autismo. **Rev. Bras. Educ. Espec.** 2016, v.22, n.2, p. 233-252, Abr.-Jun. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbee/v22n2/1413-6538-rbee-22-02-0233.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2017.
- GOMES, Camila Graciella Santos; MENDES, Enicéia Gonçalves. Escolarização inclusiva de alunos com autismo na rede municipal de ensino de Belo Horizonte. **Rev. Bras. Educ. Espec.** 2010, v.16, n.3, p.375-396, Set.-Dez. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbee/v16n3/v16n3a05.pdf>>. Acesso em: 06 set. 2017.
- GOMES, Camila Graciella Santos. Autismo e Ensino de habilidades acadêmicas: adição e subtração. **Rev. Bras. Educ. Espec.** 2007, v.13, n.3, p.345-364 Set.-Dez. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbee/v13n3/a04v13n3.pdf>>. Acesso em: 18 set. 2017.
- GUARESCHI, Taís; NAUJORKS, Maria Inês. A educação do garoto selvagem de Aveyron e a proposta contemporânea de escolarização de alunos com transtorno do espectro autista: possibilidades de leitura. **Revista Educação Especial**. Santa Maria, UFSM, v.29, n. 56, 2016, p.609-620.
- LAGO, Mara. **Autismo na escola: ação e reflexão do professor**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de pós-graduação em educação. Porto Alegre, RS: 2007.
- LAMPREIA, Carolina. A regressão do desenvolvimento no autismo: pesquisa e questões conceituais, In: **Revista Educação Especial**. Santa Maria, UFSM, v. 26, n. 47, 2013, p.573-586. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>> Acesso em: 10 out. 2017.
- LEMONS, Emellyne Lima de Medeiros Dias; SALOMÃO, Nádia Maria Ribeiro; AGRIPINO-RAMOS, Cibele Shirley. Inclusão de crianças autistas: um estudo sobre interações sociais no contexto escolar. **Rev. Bras. Educ. Espec.** 2014, v. 20, n. 1, p. 117-130, Jan.-Mar.

Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbee/v20n1/a09v20n1.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2017.

LIMA, Stéfanie Melo; LAPLANE, Adriana Lia Frizman de. Escolarização de Alunos com Autismo. **Rev. Bras. Educ. Espec.** 2016, v. 22, n. 2, p. 269-284, Abr.-Jun. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbee/v22n2/1413-6538-rbee-22-02-0269.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2017.

LOURENÇO, Carla Cristina Vieira; ESTEVES, Maria Dulce Leal; CORREDEIRA, Rui Manuel Nunes; TEIXEIRA E SEABRA, André Filipe. A eficácia de um programa de treino de trampolins na proficiência motora de crianças com transtorno do espectro do autismo. **Rev. Bras. Educ. Espec.** 2016, v. 22, n. 1, p. 39-48, Jan.-Mar. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbee/v22n1/1413-6538-rbee-22-01-0039.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2017.

MARTINS, Lígia Márcia. **O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar: contribuições à luz da psicologia histórico cultural e da pedagogia histórico-crítica.** Tese de Livre Docência. Bauru: UNESP, 2011.

_____. **O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar: contribuições à luz da Psicologia Histórico-Cultural e da Pedagogia Histórico-Crítica.** Campinas: Autores Associados, 2015.

MELO, Ana Maria; et al. **Relatos do autismo no Brasil.** São Paulo: Gráfico da AMA, 2013.

NASCIMENTO, Paulyane Silva do; et al. Comportamentos de crianças do espectro do autismo com seus pares no contexto de educação musical. **Rev. Bras. Educ. Espec.** 2015, v. 21, n. 1, p. 93-110, Jan.-Mar. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbee/v21n1/1413-6538-rbee-21-01-00093.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2017.

ORRÚ, Silvia Ester. Contribuciones del abordaje histórico-cultural a la educación de alumnos autistas. In: **Revista Humanidades Médicas**, v.10, n.3. Ciudad de Camaguey, sep.-dic. 2010. Disponível em: <http://scielo.sld.cu/scielo.php?pid=S1727Z1202010000300002&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 10 fev. 2017.

PEREIRA, Ana Paula Silva; SERRANO, Ana Maria. Early Intervention in Portugal: Study of professionals perceptions. **Journal of Family Social Work**, v. 17, n. 4, p. 263-282, 2014.

RAPIN, Isabelle; KATZAMAN, Robert. Neurobiology of autism. *Annals of Neurology*, v. p. 7-14, 1998. **Revista Educação Especial.** Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial>>. Acesso em: 03 out. 2017.

REIS, Helena Isabel Silva; PEREIRA, Ana Paula da Silva; ALMEIDA, Leandro da Silva ALMEIDA. Construção e validação de um instrumento de avaliação do perfil desenvolvimental de crianças com perturbação do espectro do autismo. **Rev. Bras. Educ. Espec.** 2013, v. 19, n.2, p. 183-194, Abr.-Jun. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/rbee/v19n2/a04v19n2.pdf>> . Acesso em: 19 ago. 2017.

_____. Da avaliação à intervenção na perturbação do espectro do autismo. **Revista Educação Especial.** v. 29, n. 55, 2016, p. 269-280. Disponível em:

<<http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>>. Acesso em: 10 out. 2017.

RBEE. **Revista Brasileira de Educação Especial.** Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/rbee/v19n2/a04v19n2.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2017.

REE. **Revista Educação Especial.** Disponível em:

<<http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>>. Acesso em: 20 ago. 2017.

ROGERS, Sally; VISMARA, Laurie. Evidence-based comprehensive treatments for early autism. **Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology**, v. 37 n. 1, p. 8-38, 2008.

- SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas, SP: Autores associados, 2007.
- _____. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.
- _____. **Escola e democracia**. 42. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.
- SERRANO, Ana Maria; PEREIRA, Ana Paula da Silva. Parâmetros recomendados para a qualidade da avaliação em intervenção precoce. **Revista Educação Especial**, v.24, n.40, p. 163-180, 2011.
- SOARES, Angélica Miguel; CAVALCANTE NETO, Jorge Lopes. Avaliação do comportamento motor em crianças com transtorno do espectro do autismo: uma revisão sistemática. **Rev. Bras. Educ. Espec.** 2015, v. 21, n. 3, p. 445-458, Jul.-Set. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbee/v21n3/1413-6538-rbee-21-03-00445.pdf>> Acesso em: 20 set. 2017.
- SUPLINO, Maryse Helena Felipe de Oliveira. **Currículo funcional natural: guia prático para a educação na área de autismo e deficiência mental**. Brasília, DF: CORDE, 2005.
- TELLES, Fernanda Moreira; RESEGUE, Rosa; PUCCINI, Rosana Fiorini. Habilidades funcionais de crianças com deficiências em inclusão escolar: barreiras para uma inclusão efetiva. **Ciência e saúde coletiva**, v. 18, n. 10, 2013, p. 3023-3031.
- TOGASHI, Cláudia Miharu; WALTER, Cátia Crivelenti de Figueiredo. As contribuições do uso da comunicação alternativa no processo de inclusão escolar de um aluno com transtorno do espectro do autismo. **Rev. Bras. Educ. Espec.** 2016, v. 22, n. 3, p. 351-366, Jul.-Set. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbee/v22n3/1413-6538-rbee-22-03-0351.pdf>> Acesso em: 03 ago. 2017.
- VIGOTSKI, Lev S. **Psicologia Pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- _____. **Defectologia**. Tomo V. Havana, Cuba: Científico-Técnica, 1997.
- _____. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- _____. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- ZORZETTO, Ricardo. O cérebro no autista. **Pesquisa FAPESP**, São Paulo, 2011, n. 184, p.16-23.
- WINNICOTT, Donald Woods. **Brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.